



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:  
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS  
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERROTÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS  
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Fundamentos do Serviço Social: Formação Profissional do/a Assistente Social

**Contribuições da Revista Temporalis nº 3 para o debate da  
Questão Social**

Eyschila Geovana Macedo Santos<sup>1</sup>  
Diego Tabosa da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO**

O Serviço Social dedica esforços na compreensão e explicação da “Questão Social”, nas últimas décadas. A proposta deste artigo é apresentar uma síntese da terceira edição da Revista Temporalis, organizada pela ABEPSS. Trata-se de um esforço em apresentar os principais debates travados na revista em 2001, considerada como um importante marco para o adensamento teórico acerca da temática no interior da profissão. A partir de pesquisa desenvolvida em um projeto de iniciação científica, o texto destaca a importância da edição, considerando-a uma importante peça na compreensão da Questão Social como eixo articulador dos conteúdos que compõem a formação e trabalho profissional.

**Palavras-chave:** Questão Social; Serviço Social; Revista Temporalis;

**ABSTRACT**

Social Work has dedicated efforts to understanding and explaining the "Social Question" in recent decades. The purpose of this article is to present a synthesis of the third edition of the Temporalis Journal, organized by ABEPSS. This is an effort to present the main debates held in the journal in 2001, considered as an important milestone for the theoretical consolidation of the theme within the profession. Based on research developed in a scientific initiation project, the text highlights the importance of editing, considering it an important piece in the understanding of the Social Question as an articulating axis of the contents that make up professional training and work.

**Keywords:** Social issues; Social work; Temporalis Magazine.

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Serviço Social no Departamento de Política e Ciências Sociais – DPCS da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Bolsista do Programa de Iniciação Científica da Unimontes (BIC-UNI). e-mail: eyschilamacedo@gmail.com

<sup>2</sup> Assistente Social. Docente do Curso de Serviço Social no Departamento de Política e Ciências Sociais – DPCS da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Doutor em Serviço Social pela UFRJ. e-mail: diego.silva@unimontes.br



## **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma discussão acerca da Questão Social e suas expressões, e para isso, voltaremos nossas reflexões a produção da Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social - ABEPSS, a Revista Temporalis. No bojo do aprofundamento e reordenamento teórico-metodológico e ideológico do Serviço Social, o terceiro número do periódico em questão, publicado no ano de 2001, se dedica ao tema “Questão Social e Serviço Social”, e aponta a produção intelectual de quatro importantes nomes do serviço social brasileiro, José Paulo Netto, Maria Carmelita Yazbek, Marilda Vilela Iamamoto e Potyara A. P. Pereira.

Especialmente a partir da tendência renovadora da intenção de ruptura do Serviço Social brasileiro com o conservadorismo, se torna elementar para nós que a Questão Social, umbilicalmente vinculada ao desenvolvimento do Capital e à luta de classes, ganha centralidade para a categoria profissional.

Nos ancoramos no pressuposto de que a Questão Social se expressa de diferentes formas, de acordo com o momento histórico do capitalismo, mas que não se põe como uma nova Questão Social, afinal, tem, independente da forma que adquire, o mesmo fundamento. Por isso, retomamos as reflexões e elaborações do início do século XX, para sedimentar nossas compreensões acerca dos fundamentos do objeto de trabalho do Serviço Social e assim, alimentar novas reflexões que se pautem nos elementos que se apresentam na atualidade.

## **2. CINCO NOTAS E MUITO MAIS: AS CONTRIBUIÇÕES DA TEMPORALIS N. 3 PARA O DEBATE DA "QUESTÃO SOCIAL"**

O nosso movimento de pesquisa acerca da Questão Social nos faz encontrar com a importante contribuição da Revista Temporalis publicada no primeiro semestre de 2001. Nesta edição, sobre a temática, Marilda Iamamoto, Carmelita Yazbek, José Paulo Netto e Potyara Pereira nos apresentam algumas reflexões que tem dado subsídio para debates até os dias atuais, é uma produção que sem dúvida pode ser considerada um marco para a produção do conhecimento na área do Serviço Social brasileiro, afinal, consolida as reflexões que se acumulavam desde os anos 1970 e que se expressam nos instrumentos normativos e de orientação da categoria profissional.

A edição da revista é composta pelas contribuições das autoras e autor citadas, através de quatro conferências realizadas no VII Encontro Nacional de Pesquisadoras/es em



Serviço Social - ENPESS<sup>3</sup>, e conta também com texto elaborado por Ivanete Boschetti, onde é possível conhecer a memória de todo o processo de discussão das Diretrizes Curriculares e do VII ENPESS.

Esta edição da *Temporalis* é uma síntese de um processo de debates no interior da categoria profissional, afinal a revista é publicada quando são aprovadas as Diretrizes Curriculares para os cursos de Serviço Social no Brasil, e nesse sentido traz como tema “um dos eixos fundantes do novo currículo e da concepção do exercício profissional que ele expressa” (ABEPSS, 2001, p.5), a Questão Social.

Mas afinal, do que se trata a “Questão Social”? Por que este tema foi fruto de tantos debates e até mesmo de um encontro de pesquisadoras/es? Recorreremos às análises feitas nas conferências para tentar minimizar o campo de dúvidas acerca deste assunto.

Pois bem, para iniciar nosso exercício de conceituação, nos ancoramos em uma premissa que Iamamoto apresenta: “a análise da Questão Social é indissociável das configurações assumidas pelo trabalho e encontra-se necessariamente situada em uma arena de disputas entre projetos societários” (2001, p. 10). Tem-se, portanto, de largada duas possibilidades de interpretação da Questão Social, a primeira que aponta para o seu entendimento enquanto “disfunção ou ameaça à ordem e coesão social”, e a segunda que toma a Questão Social como parte que constitui as relações sociais capitalistas, “é apreendida como expressão ampliada das desigualdades sociais”. Num exercício bem-sucedido de síntese e autora informa que a Questão Social diz respeito,

[...] ao conjunto das expressões das desigualdades sociais engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado. Tem sua gênese no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana - o trabalho - das condições necessárias à sua realização, assim como de seus frutos. [...] É fato conhecido que historicamente a Questão Social tem a ver com a emergência da classe operária e seu ingresso no cenário político, por meio de lutas desencadeadas em prol de direitos atinentes ao trabalho, exigindo o seu reconhecimento como classe pelo bloco do poder, e, em especial, pelo Estado. (IAMAMOTO, 2001, p. 16-17)

E é sob este segundo veio analítico que Yazbek irá seguir nas suas reflexões sobre pobreza e exclusão social, que a autora caracteriza como resultantes da Questão Social. Para a autora, a Questão Social é o elemento central na relação da profissão com a realidade, sendo assim, ela diz que “ao colocar a Questão Social como referência para a ação profissional, estou colocando a divisão da sociedade em classes”. (2001, p. 33). Tem-se, portanto, uma compreensão de que *a Questão Social se vincula à forma extremamente desigual de apropriação da riqueza socialmente produzida*, ou seja, é imperativa a importância

---

<sup>3</sup> O encontro ocorreu em Brasília-DF, em novembro de 2000 e teve como tema central: “Questão Social e Serviço Social: Direitos e Cidadania”.



do enfrentamento da Questão Social como uma força motriz das lutas pela apropriação da riqueza.

Iniciamos nossa reflexão, destacando um ponto comum aos textos da Temporalis nº 3, que é a defesa de que não há uma nova Questão Social. Esta concordância portanto guarda algumas diferenciações internas. Iamamoto, Yazbek e Netto negam a constituição de uma nova Questão Social, por entender que o que se constitui ao longo dos anos, são expressões diferenciadas de um mesmo processo, ou seja, são diferentes frutos do processo de contradição entre as classes,

A tese aqui sustentada - e, evidentemente, oferecida como hipótese de trabalho - é a de que **inexiste qualquer 'nova Questão Social'**. O que devemos investigar é, para além da permanência de manifestações 'tradicionais' da 'Questão Social', a emergência de novas expressões da 'Questão Social' que é insuprimível sem a supressão da ordem do capital. (NETTO, 2001, 48)

Questão que se reformula e se redefina, mas **permanece substantivamente a mesma** por se tratar de uma questão estrutural, que não se resolve numa formação econômica social por natureza excludente. (YAZBEK, 2001, p. 33) (grifos nossos)

A Questão Social expressa, portanto, **disparidades econômicas, políticas e culturais das classes sociais**, mediatizadas por relações de gênero, características étnico-raciais e formações regionais, colocando em causa as relações entre amplos segmentos da sociedade civil e o poder estatal. (IAMAMOTO, 2001, p. 17)

Pereira, por sua vez, informa que não apenas o adjetivo “nova” é passível de desconfiança, como também o próprio termo “questão”, afinal, diz a autora

Meu ceticismo em relação ao conceito, vai um pouco além do daqueles que questionam apenas a pertinência do adjetivo. Eu questiono também a justeza do termo 'questão' para designar problemas e necessidades atuais, que, apesar de dramáticos e globais, e de produzirem efeitos nefastos sobre a humanidade, se impõem sem problematizações de peso e, portanto, sem enfrentamentos à altura por parte das forças sociais estratégicas. (PEREIRA, 2001, p. 51)

Podemos inferir a partir dessa afirmação, que a ausência de reflexões acerca das expressões da Questão Social por parte das forças sociais que representam a classe trabalhadora e seus segmentos, requisitando assim transformações sociais e políticas a qual a autora sinaliza, não ocorre por uma falta de vontade destas, mas sim por não possuírem meios fazê-lo. Assim, é indubitável que não só as diversas expressões da Questão Social no cotidiano se apresentam como um grande desafio para as transformações mais radicais, mas também a expropriação de condições, inclusive políticas, para tensionar projetos que são bem articulados e delineados da classe burguesa dominante.

Nesse sentido, para subsidiar o entendimento da renovação e aprofundamento da Questão Social é importante pensar como se faz a sua produção nos cenários atuais e o que dá fundamento para ser a mesma Questão Social, mas expressa de formas diferenciadas em determinados tempos históricos.



Percorrendo esse entendimento, lamamoto aponta quatro aspectos fundamentais para a produção e “renovação da velha Questão Social” na contemporaneidade, logo que são compreendidas como mediações históricas que a reconfiguram com novas roupagens neste estágio da acumulação capitalista.

Assim, a autora assinala as crises capitalistas como uma dessas mediações, pois estas tendem a expressar a típica concentração de renda e o aumento crescente da pobreza. A partir desse entendimento, a compreensão é de que não só é inseparável desse processo, mas fruto dele, a ampliação de desigualdades sociais e o agravamento da Questão Social. Em consonância com este primeiro aspecto, Yazbek situa a pobreza e a exclusão social enquanto “resultantes da Questão Social que permeia a vida das classes subalternas em nossa sociedade” (2001, p. 33), e reitera que essas expressões traduzem um enorme sistema de desigualdades. Sobre este aspecto, Netto informa que,

A “Questão Social”, nesta perspectiva teórico-analítica, não tem haver com o desdobramento de problemas sociais que a ordem burguesa herdou, ou com traços invariáveis da sociedade humana; tem a ver, exclusivamente, com a sociabilidade erguida sob o comando do capital. (NETTO, 2001, p. 46)

Sustenta-se assim, a compreensão de que a lógica de acumulação capitalista se situa como determinante na produção da Questão Social na atualidade.

Uma característica que marca uma nova fase do regime de acumulação capitalista é a flexibilidade na esfera da produção, que é apontada por lamamoto (2001) como um segundo aspecto para a produção da Questão Social. Tal flexibilidade, assegurada pelo salto tecnológico aponta para uma nova direção no plano econômico, e segundo a autora, tem fortes atravessamentos nos processos e relações de trabalho, nos direitos da população, no consumo, na tendência ao investimento em capital constante e na economia em capital variável. Pereira ainda reforça que essas inovações criam as contradições na ordem econômica presente, exigindo mudanças nas relações de produção (2001).

Ainda nesta direção, Pereira vai pontuar as “alterações significativas na relação entre capital/trabalho e Estado/sociedade”, e compreende-se a partir de lamamoto que estas alterações são atravessadas pelo pensamento neoliberal que despeja o discurso da necessidade de restringir as despesas do Estado - este ponto é apresentado por lamamoto como um outro aspecto que fundamenta a produção da Questão Social -, sendo, não por mera coincidência, os serviços públicos gratuitos e de caráter universal a sofrerem os maiores impactos e reduções de investimentos e ações. Tal crítica busca na intervenção do Estado base para atendimento aos interesses privados, em decorrência do que Yazbek entende como “a crônica crise das políticas sociais, seu reordenamento e sua subordinação às políticas de estabilização da economia”, o resultado disso é a retração de políticas públicas que se vinculam a ampliação crescente de direitos, e o avanço de políticas de caráter neoliberal e



classista, o que não deixa de rebater no trabalho do assistente social, pois este necessita de um conjunto de condições para implementar e viabilizar direitos, mas isto vem sendo posto em xeque pelas intercorrências nos meios e condições de trabalho.

Por fim, acrescenta-se a este processo, a esfera do mercado, que toma no cenário social um lugar, segundo lamamoto, de eixo que regula a vida social, pois, invade e modifica as relações sociais. Posta em primeiro lugar, a lógica deste regime sustenta o território do mercado na vida social, produz e reproduz expressões da Questão Social, como o individualismo exacerbado, revela-se, pois, como pontua Pereira em “uma insensibilidade coletiva em relação às suas existências e repercussões”. É neste contexto, que a sociabilidade é atingida pela estimulação de atitudes que se centram no “eu”, e, portanto, fragmentando a classe trabalhadora, para que cada um lute por si esquecendo então que são atingidos por expressões diferenciadas de uma mesma Questão Social.

### **3. ENFRENTAMENTO À QUESTÃO SOCIAL: PISTAS DO PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE!**

É na tentativa de compreender as forças e tensões que atravessam a Questão Social, a fim de construir estratégias para seu enfrentamento, que nos deparamos por vezes com mais dúvidas do que respostas. O que supõem, portanto, entender que no que diz respeito à Questão Social, tanto sua produção quanto sua reprodução se fazem em uma arena de lutas, onde o que está em constante disputa é sua supressão ou sua necessária perpetuação para a reprodução da ordem do capital.

Diante disto, e a partir do entendimento de que não existe uma nova questão, compreendemos que resgatar os seus sustentáculos, se torna importante para identificar suas determinações históricas, e, portanto, articular ações nos que apontem possibilidades para seu enfrentamento.

Nesse sentido, o termo Questão Social tem sua emersão vincada pelo fenômeno denominado de pauperismo, visto pela primeira vez na Europa Ocidental mais especificamente na Inglaterra no final do século XVIII e início do século XIX época marcada pelos primeiros vestígios da industrialização. Referente a este fenômeno, Netto aponta que,

Para os mais lúcidos observadores da época, independentemente da sua posição ideológico-política, tornou-se claro que se tratava de um fenômeno novo, sem precedentes na história anterior conhecida. Com efeito, se não era inédita a desigualdade entre várias camadas sociais, se vinha de muito longe a polarização entre ricos e pobres, se era antiqüíssima a diferente apropriação e fruição dos bens sociais, era radicalmente nova a dinâmica da pobreza que então se generalizava. (NETTO, 2001, p.42)



Assim, a indicação é de que a pobreza cresce em larga escala e na mesma via que a capacidade produtiva, esta que causava uma pauperização em massa da classe trabalhadora super explorada na fase do capitalismo industrial. Entende-se assim que, o pauperismo aparece como um fenômeno novo pois era produzido no mesmo conjunto de condições que possibilita sua supressão.

A compreensão, portanto, de que o termo Questão Social está entrelaçado com o pauperismo vem do entendimento de que os pauperizados pela nova dinâmica do acentuamento da pobreza buscam problematizar a situação em que se encontravam, e passam a se mobilizar frente ao quadro geral de desigualdades postas na sociedade.

Portanto, o entendimento é que, o pauperismo se torna Questão Social, quando ocorre um processo de problematização pelos sujeitos pauperizados, estes que buscam por respostas às suas demandas na sociedade de classes.

Frente a este entendimento, Pereira propõe como ponto de partida de sua reflexão a problematização do termo Questão Social para além da sua ligação com o fenômeno do pauperismo, indicando o questionamento,

De que questão estamos hoje falando, se os riscos e necessidades contemporâneos ainda carecem de efetiva problematização? Será que não estaríamos diante de uma questão latente que, apesar de inscrita na contradição fundamental do sistema capitalista - a contradição entre capital e trabalho -, ainda não foi explicitada, dada sua posição profundamente desigual dos setores progressistas na atual correlação de forças? (2001, p. 51)

É nesse caminho de análise que entende-se que não temos uma Questão Social totalmente evidente, mas uma Questão Social complicada e desafiadora devido ao carecimento de sua explicitação pelas forças e atores sociais. Portanto, a partir da análise da autora, tem-se a compreensão de que, apesar da existência de problemas que afetam diretamente a sociedade, estes não foram problematizados, ou como a autora reitera, "transformados em questões explícitas" (PEREIRA, 2001, p. 54). Pereira conclui, portanto, que,

A Questão Social não é sinônimo da contradição entre capital e trabalho e entre as forças produtivas e relações de produção - que geram desigualdades, pobreza, desemprego e necessidades sociais - mas, de embate político, determinado por essas contradições. (2001, p. 54)

Torna-se latente, nesse contexto, o desmantelamento dos direitos, bem como pela luta política, e conseqüentemente o não enfrentamento da Questão Social.



Assim, retomando a compreensão de que a Questão Social está posta em uma arena de lutas onde está passível tanto de sua contínua reprodução, quanto de um processo de enfrentamento e supressão, lamamoto informa que,

As estratégias para o enfrentamento da Questão Social têm sido tensionadas por projetos sociais distintos, que presidem a estruturação e a implementação das políticas sociais públicas e que convivem em luta no seu interior (2001, p. 22)

Nesse sentido, percebe-se que perpassa por esta arena de luta uma constante disputa de forças entre a defesa pela ampliação de direitos sociais e a lógica da mercantilização desses direitos e necessidades da população. A partir disso, pensar no enfrentamento da Questão Social é pensar a defesa de direitos sociais, civis e políticos; a necessidade de conclamar o lugar do Estado enquanto instância política responsável pela sua universalização e gratuidade, e requer ainda, não cair na famosa artimanha da despolitização da Questão Social. Sobre isso Yazbek reitera,

É essa despolitização que ao lado da destituição do caráter público dos direitos dos pobres e excluídos em nossa sociedade está na base do atual sucateamento dos serviços públicos, da desqualificação de políticas sociais, da destituição de direitos trabalhistas e sociais e da privatização e refilantropização na abordagem da Questão Social. (2001, p. 36)

É nesse contexto repleto de determinações e contradições - que implica nas condições e relações sociais -, que se percebe a urgente necessidade das articulações de estratégias para o enfrentamento da Questão Social. Assim, a partir da análise da Revista Temporalis, nº 3, conseguimos ter algumas indicações de estratégias de um quadro geral, que possibilitem a supressão da chamada Questão Social.

Compõem este quadro de estratégias, *a politização da participação de atores sociais e políticos* em esferas públicas onde ocorre a representação e negociação de interesses. Visto que, historicamente esses espaços foram e continuam sendo ocupados hegemonicamente pela classe dominante, se faz necessária a estimulação de inserções de protagonistas e segmentos que representam interesses da classe trabalhadora. Sobre isso, a indicação de lamamoto é que,

Faz-se necessário, promover uma permanente articulação política no âmbito da sociedade civil organizada para definir propostas e estratégias comuns ao campo democrático. Esse projeto requer ações voltadas ao fortalecimento dos sujeitos coletivos, dos direitos sociais e a necessidades de organização para sua defesa. (2001, p. 22)

Entende-se assim, que vai para além de intensificar um processo de fortalecimento dos direitos sociais, pois isto fortalecerá a própria classe trabalhadora, permitindo sua



organização e mobilização nessa arena de lutas, para construir um projeto que faça frente à ordem do capital, visto que,

Num contexto de fraca articulação de atores políticos estratégicos, que, embora não estejam apáticos ou anônicos, encontram-se, ainda, sem condições objetivas para [...] impor uma superestrutura (política, jurídica, cívica, cultural) que lhes seja favorável. (PEREIRA, 2001, p. 51-52)

Outra estratégia que possibilita o enfrentamento da Questão Social e que está extremamente vinculada com a primeira, se refere à formação profissional da/o assistente social, no que tange a provocar reflexões acerca da *importância do trabalho pedagógico da/o profissional junto a população*. Isto fica mais nítido, se analisamos o histórico recente de lutas e compromisso da profissão com a viabilização de direitos para a classe trabalhadora, contribuindo assim na construção de alianças com a população e na efetiva viabilização desses direitos por meio de pressão nos espaços coletivos. lamamoto ainda pontua que o importante é não só, "assumir, mas também extrapolar, os espaços oficiais dos Conselhos. E reassumir o trabalho de base, de educação, mobilização e organização popular" (2001, p. 23).

Somado a esta estratégia tem-se o desafio da *construção de um projeto-ético político profissional que se direciona a uma nova sociedade*, sem exploração, em que predomine a democracia, o que vai, enfim, na contramão da sociedade capitalista. Portanto, a intervenção do assistente social está também em uma arena de lutas, pois, trava o embate da construção de intervenções para a viabilização de direitos, reafirmando seu compromisso com a classe trabalhadora, e vê no desafio de desconstruir o conservadorismo ainda impregnado na profissão, nesse entendimento, Yazbek (2001, p. 39) indica que "aí se colocam nossos limites e nossas possibilidades. Limites de várias ordens, mas sobretudo limites de ordem estrutural".

Outra estratégia identificada e que desde a aproximação recente do Serviço Social com o materialismo histórico-dialético é considerada um desafio, corresponde à *formação profissional de assistentes sociais críticos*. Perpassa por isto, a afirmação de lamamoto, pois aponta que "as relações entre Questão Social, trabalho e Serviço Social são um desses desafios centrais, que perpassa centralmente o projeto acadêmico-profissional" (2001, p. 27).

Assim, a compreensão é de que as Diretrizes Curriculares têm um papel fundamental nesse processo, pois elas subsidiarão o incentivo à pesquisa e discussões de temáticas importantes como essa à qual aponta lamamoto na formação acadêmica e na pós-graduação. Aprofundando assim concepções metodológicas, teóricas e aspectos de debates da profissão, possibilitando o avanço da leitura crítica radical do entendimento de que as transformações históricas postas na sociedade não surgem de um processo natural, mas do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, questionando assim a ordem vigente. Tal entendimento na formação acadêmica abre possibilidade para que o/as assistentes sociais formados com um viés crítico, comprometidos com a classe trabalhadora e com a construção



de um projeto ético-político que tem como fundamento central a liberdade, compreendam que as desigualdades sociais postas neste contexto são produzidas por este mesmo processo histórico, incentivando assim, os profissionais inseridos em espaços coletivos de lutas, articularem ações voltadas para o enfrentamento não só da Questão Social mas do capitalismo.

Por fim, outra estratégia mencionada na *Temporalis* número 3 que dialoga com a estratégia acima, diz respeito à *atuação profissional crítica*, visto que, a formação de profissionais críticos fundamenta uma atuação crítica. Portanto, esses profissionais referenciados por uma formação crítica e provocados a realizarem leituras críticas da ordem social, econômica e política estarão, portanto, comprometidos com a apropriação de um projeto ético-político que visa a viabilização de direitos para a classe trabalhadora e o desafio da construção de uma nova sociedade que não seja a do capital. Será assim, possível uma atuação crítica e transformadora embutindo em suas ações uma direção social que visa a emancipação humana, entendendo não apenas que a Questão Social é fruto de processos do capital, mas reafirmando o compromisso da problematização e combate coletivo ao seu fundamento: o sistema capitalista.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos este artigo, fruto de estudos e provocações mobilizadas a partir de um projeto de Iniciação Científica, com a compreensão de que é necessário, sempre que possível, retomarmos os debates acerca da Questão Social, uma vez que, dentro do acúmulo teórico e ídeo-político que nossa categoria profissional conquistou, a Questão Social - e o trato a ela dado - é o elemento que provoca a necessidade social desta profissão.

Destacamos ainda que este breve artigo se dedica à leitura dos textos publicados na importante edição número 3 da revista *Temporalis*. Nele encontramos as conferências proferidas no Encontro Nacional de Pesquisadoras/es em Serviço Social de 2001, ou seja, após duas décadas, as provocações e reflexões apontadas pelas autoras são necessárias e atuais e seguem como base para novos estudos e publicações, como por exemplo, o número 42 do periódico em questão, que figura na continuidade dos estudos deste projeto de iniciação científica.

Não podemos deixar de mencionar aqui uma questão que atravessa o tema central deste trabalho e que traz um certo estranhamento e ao mesmo tempo boas conversas, principalmente entre aquelas/es que estão se aproximando da profissão, trata-se da análise apontada por Netto de que sem a Questão Social não há sentido para o serviço social. Se analisada sob uma lógica pontual, fragmentada e individualista, não faz sentido construirmos ações que levem a superação da ordem do capital, pois isso culminaria na supressão da



Questão Social e por conseguinte da própria profissão. Entretanto, sob este aspecto, o autor já indicava que há um longo caminho para a superação da Questão Social, ou melhor, do modo de produção capitalista, sendo assim, “ainda está longe o futuro em que esta profissão vai se esgotar, pelo próprio exaurimento do seu objeto” (NETTO, 2001, p. 49), portanto devemos somar todos os esforços para provocar fissuras na ordem que sustenta a reprodução da Questão Social, até que possamos vivenciar a sua derruição.

Deste modo, esperamos que as sínteses e breve reflexões apontadas neste texto possam suscitar debates e contribuir com estudos que versem sobre a Questão Social e suas expressões e assim avancemos nas ações concretas para sua superação.

## REFERÊNCIAS

IANNI, Otávio, **A Questão Social**. Revista USP, USP: nº 3, p. 145-154, 1989.

IAMAMOTO, Marilda Villela, **A Questão Social no Capitalismo**. ABEPSS: ano 2, nº. 3, p. 09-32, 2001.

NETTO, José Paulo, **Cinco notas a propósito da “Questão Social”**. Temporalis, ABEPSS: ano 2, nº. 3, p. 41-50, 2001.

PEREIRA, Potyara A. P., **Questão Social, Serviço Social e Direitos da Cidadania**. ABEPSS: ano 2, nº. 3, p. 51-62, 2001.

YAZBEK, Maria Carmelita, **Pobreza e Exclusão Social: Expressões da Questão Social no Brasil**. Temporalis, ABEPSS: ano 2, nº. 3, p. 33-40, 2001.